

37 Perguntas

A história de quando
nos apaixonamos

JUNE KAYE

 essência

37 Perguntas

*A história de quando
nos apaixonamos*

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

JUNE KAYE



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © June Kaye, 2024

Publicado pela primeira vez pela 8th Note Press

Direitos de tradução negociados por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright de tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *37 Questions*

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Tamiris Sene e Andréa Bruno

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Jeff Östberg

Adaptação de capa: Sandra Fava

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação das autoras ou foram empregados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kaye, June

37 perguntas : a história de quando nos apaixonamos / June Kaye ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. — São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

320 p.

ISBN 978-85-422-4033-7

Título original: *37 Questions*

1. Ficção brasileira 2. Ficção romântica I. Título II. Dolinsky, Martha

25-5667

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar — Bela Vista

São Paulo — SP — CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora-planeta.com.br

TRABALHO ANTESCIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

AIDEN

Aiden Elliott estava curtindo sua invisibilidade momentânea. Claro que as pessoas podiam *vê-lo*, mas ninguém *olhava* para ele de verdade, por isso ele caminhava sem ser perturbado, sem ser reconhecido. Invisível. Que alívio.

— Aiden Elliott?

Merda. Hoje não!

Na calçada, uma adolescente o encarava com olhos sonhadores. Tanto esforço para passar despercebido... Será que sua insatisfação total iria transparecer na voz se ele conversasse com a garota?

— Meu Deus, é você mesmo! Achei que as filmagens tivessem acabado! Sou sua fã de carteirinha desde, tipo, sempre! Adorei você em *Folhas que caem*! Tipo, o melhor filme de todos os tempos! Meu Deus, eu te amo tanto!

Ela estava emocionadíssima, quase chorando, e isso o deixou bastante constrangido.

O que ele tinha feito para merecer essa adoração? Estava longe de ser um galã, um destruidor de corações ou qualquer um daqueles rótulos chamativos que a mídia lhe dava. Na verdade, era só um inglês comum que na maioria das vezes ficava envergonhado perto de outros seres humanos e certamente não se parecia em nada com os personagens que interpretava nas telonas. Não que isso fosse ruim, mas ele tinha uma reputação a zelar e não queria decepcionar seus fãs – mesmo que isso o deixasse desconfortável.

— Muito obrigado, é gentileza sua. — Aiden lhe ofereceu um leve sorriso e ela soltou um gritinho.

Ele sempre fazia questão de ser atencioso com os fãs, por mais difícil que fosse. Sem o apoio deles, Aiden não teria uma carreira. Esforçava-se ao máximo para ser simpático e afetuoso o tempo todo.

— Posso tirar uma selfie com você? Minhas amigas nunca, jamais vão acreditar.

A garota não esperou a resposta. Tirou o celular da mochila e se inclinou para perto dele, tirando várias fotos. Ele achou a alegria dela fofa, mas meio constrangedora.

Então, ela o encarou com expectativa, como se esperasse que ele dissesse alguma coisa. Aiden conseguiu manter o sorriso, mas não foi capaz de pensar em nada interessante para falar. Só queria cavar um buraco no meio da rua e desaparecer. Talvez fosse melhor que nenhuma palavra surgisse em sua mente, pensou. Às vezes, para disfarçar silêncios constrangedores, ele deixava escapar qualquer coisa que lhe passava pela cabeça, tornando o mico ainda maior.

Ela mantinha o olhar nele.

Por favor, não pergunte sobre Consequat. Por favor. Esse filme, seu projeto atual, havia atraído grande atenção da mídia e do público devido ao enorme sucesso do livro em que se baseava. Houve muita especulação, porque não se sabia se Aiden conseguiria o papel principal. Todos os olhos estavam voltados para ele. Todos os olhos voltados para seu possível — *provável* — fracasso.

Para não abusar da sorte, ele murmurou uma despedida fraca, dizendo que precisava ir embora, pois uma tempestade estava chegando e ele não queria ser surpreendido por ela na rua. Pelo menos não era mentira.

— Obrigada, obrigada! Ganhei o dia.

Ela se virou para ir embora, mas mudou de ideia, deu um abraço envergonhado nele e saiu correndo, olhando por cima do ombro enquanto se afastava.

Aiden respirou fundo, trêmulo. Sozinho de novo com seus pensamentos, colocou a mochila no ombro e continuou caminhando por Nashville, antes tão familiar para ele, mas agora tão mudada. Fazia anos que não voltava para lá. Onde antes havia um fliperama, agora

era uma farmácia. A sorveteria tinha virado um café. Em vez da loja de *bagels*, outra farmácia. Era desconcertante ver quanto havia mudado – até que ele percebeu que fazia vinte anos que havia saído dali.

Nuvens espreitavam no horizonte. Aiden não tinha guarda-chuva. *Bem feito para mim*, pensou. Olhou a hora: quatro e pouco; deveria ir para o hotel que Becky havia reservado em vez de ficar vagando pelas ruas da cidade que não era mais seu lar.

O clima estava mais quente que o habitual em novembro em Nashville, e o ar estava pesado. Abafado. Quando um trovão soou, uma mulher passou apressada, empurrando um carrinho de compras abarrotado. Ela não percebeu quando o enorme guarda-chuva pendurado no carrinho caiu na calçada. Ele se abaixou para pegá-lo.

— Com licença, você deixou cair seu guarda-chuva.

Quando se endireitou, com o guarda-chuva na mão, não a viu mais; nem no mesmo caminho, nem do outro lado da rua. Teria virado a esquina? Aiden não queria que ela se molhasse, por isso correu atrás dela. Nada. Correu mais alguns segundos até perceber que era impossível que ela tivesse virado aquela esquina específica e ele não a houvesse alcançado. A mulher havia desaparecido. Talvez ele tivesse seguido na direção errada, ou quem sabe ela tivesse chegado em casa. Aiden olhou para o guarda-chuva bordô surrado e decidiu que, independentemente do dono ou dona anterior, agora era dele. Retomou a caminhada, grato pelo presente inesperado que lhe concedera mais alguns minutos de recordações. Até que uma placa de rua chamou sua atenção.

Fern Boulevard. Aiden se sentiu tentado a entrar nessa rua. Mais um trovão ribombou; esse parecia mais próximo que o outro. Com guarda-chuva ou não, era melhor pegar um táxi. No entanto, assim que as primeiras gotas de chuva caíram, seus pés tomaram uma decisão por ele e o levaram pela alameda até o número 85 – a casa de tijolos vermelhos que guardava tantas lembranças preciosas.

Quem será que mora aqui agora?, ele se perguntou, parado em frente à casa. Esperava que não fosse aquela mulher de jaqueta impermeável que virava a esquina. Não queria parecer um maluco parado ali, olhando para a casa dela.

CAPÍTULO 2

NORA

Por que esse idiota está parado olhando para a minha casa?

Um estranho rondando sua casa era a última coisa de que ela precisava. Seu dia não havia sido dos melhores. Ela havia esquecido o guarda-chuva e seu cabelo estava todo desgrenhado por causa da umidade. E estava com uma espinha no queixo. Mas isso era o de menos; Nora passara a maior parte do dia tentando reunir coragem para contar à sua equipe – às sete pessoas que trabalhavam sob seu comando – que elas estariam desempregadas em poucas semanas. E, como se já não estivesse ficando maluca por causa disso, havia cruzado com Yeong naquela tarde, e ele tivera a coragem de mandar um “Oi, Nora”, seguido de uma piscadinha. Uma piscadinha?! Pelo amor de Deus! Nora queria ser invisível para os outros, para os problemas que a atormentavam, para as consequências de sua própria estupidez.

Dormir com Yeong havia sido um dos piores erros de sua vida. Nora nunca, *já*, faria sexo casual de novo. Principalmente com um colega de trabalho – uma situação desastrosa que, ela havia aprendido, não necessariamente desaparecia depois de uma noite. Muito pelo contrário. Nora cruzava com ele o tempo todo nos corredores. Esbarrava com ele no refeitório. Ficava presa no elevador com ele.

Tudo poderia estar tranquilo agora se ela não tivesse descoberto que Yeong tinha namorada... algo que ele havia esquecido de mencionar casualmente na hora do encontro.

Poucas coisas Nora odiava mais do que ser enganada.

Não, nunca mais faria sexo casual. Isso só criava complicações e problemas desnecessários.

As gotas frias de chuva caíam com mais força, e ela estremeceu.
Quando chove, o céu desaba. Literalmente.

E agora tinha que lidar com um cara esquisito rondando sua casa.

Nora não conseguia ver muito bem o rosto dele sob o guarda-chuva bordô — só um pouco do queixo, sombreado por uma barba curta. Ele usava uma jaqueta bomber de um tom intenso de conhaque, calça escura e botas Chukka de camurça marrom. Casual e estiloso ao mesmo tempo. Parecia um cara que liga para a aparência, mas não demais. Na verdade, não era feio — *muito pelo contrário*, pensou Nora, com certa autocensura. Uma pena que, em vez de ter a aparência de uma heroína arrebatadora de uma de suas novelas favoritas, ela estava parecendo um rato afogado.

Sério. Com certeza estou solteira há tempo demais.

Distraída pela aparência dele, Nora não parou para pensar em como chegaria em casa em segurança.

Assumiu uma expressão de mulher autossuficiente e se aproximou dele com firmeza.

— Com licença, posso ajudar?

— Eu... é... não, obrigado — disse o homem, com sotaque britânico, virando-se para ela e desviando o olhar rapidamente.

Ele tinha olhos verdes em um rosto ligeiramente anguloso e nada convencional — as maçãs do rosto eram meio proeminentes demais, o queixo meio reto demais, a ponte do nariz meio alta demais. Juntas, porém, todas as suas feições se complementavam. Alguma coisa nele fazia Nora pensar em um prisma.

O homem foi se afastando, mas rapidamente se virou e disse, com voz trêmula:

— Por favor, a rua Palm fica para que lado?

Nora teve a nítida impressão de que ele sabia exatamente em que direção ficava a rua Palm. Mesmo assim, apontou para a direita e tentou acalmar os pensamentos inquietantes que inundavam sua cabeça. Ele estava nervoso? Pretendia assaltá-la? Nem todos os

criminosos eram descabelados. Talvez ele usasse a aparência para atrair... mulheres inocentes.

Só que ela não cairia nessa. Deu meia-volta e caminhou em direção à casa, tateando o fundo da bolsa em busca das chaves e do spray de pimenta.

— Você mora aqui?

A voz dele traiu um sorriso, e um arrepio percorreu a espinha de Nora. Aquilo estava ficando cada vez mais esquisito.

Por quê? Você acha que eu vou te convidar para um café, seu esquisito? Nora queria dizer. Porque era óbvio demais; ela estava claramente entrando na casa. Mas ela disse:

— Não. Esta é... é... a casa do meu pai. Ele está me esperando para a aula de jiu-jítsu. Nós dois somos faixa preta. Com licença.

Entre tantas pessoas no mundo, por que ela tinha mencionado justo o pai?

Nora estava longe de ser faixa preta de jiu-jítsu — ou de qualquer outra arte marcial, diga-se de passagem. O mesmo se aplicava a seu pai, com quem não falava havia três anos e que nem morava nos Estados Unidos. Mas a mentira deve ter colado, porque o estranho ficou olhando para os próprios pés, com as bochechas coradas.

Tinha que ficar com vergonha mesmo, moço.

— Ah, certo. Desculpe o incômodo. Preciso ir — disse ele, com uma voz surpreendentemente baixa.

Ele saiu andando, mas, de repente, escorregou e caiu. Seu quadril bateu ruidosamente no meio-fio de concreto e sua mão, na ponta de um dos raios do guarda-chuva, o que pareceu ter doído demais.

Caraca.

Nesse momento, a chuva se tornou um dilúvio.

Duas vezes caraca.

Nora deveria sair correndo para se proteger e deixá-lo esparramado no meio da rua? A empatia venceu, e, antes que pudesse decidir o que fazer, ela já estava ao lado dele.

— Nossa! Você está bem?

Começou com uma risadinha. No entanto, depois de esconder o rosto nas mãos, o homem passou a gargalhar enquanto ela o observava, curiosa. Em pouco tempo ele estava rindo histericamente. O cara estava louco? Seria tudo parte de um golpe?

Ele levou uma das mãos à testa, dizendo:

— Não acredito que aconteceu de novo.

Ela apertou o tubo de spray de pimenta dentro da bolsa.

— Do que você está falando?

— Eu sempre escorrego nesta calçada. Meu melhor amigo morava nesta casa...

Uma careta de dor se formou no rosto dele ao perceber que havia apoiado a palma da mão machucada no chão para se levantar. Virou a mão e encontrou um corte de quase três centímetros que estava sangrando. Enquanto observava o ferimento de olhos arregalados e pálidos, o sorriso dele desapareceu. Ele se recostou lentamente, atordoado, e pareceu ainda mais perdido.

— Você está bem?

Ele não estava bem, isso era claro como o dia. Se fosse mesmo um bandido, devia ser um ótimo ator. Nora olhou ao redor, mas não havia ninguém a quem pudesse pedir ajuda. Gritou pela sra. Brown, sua vizinha mais próxima, mas não teve resposta.

Não posso simplesmente abandonar este homem. Ele se machucou. Sou a única pessoa por perto.

Agachando-se ao lado dele, Nora tentou manter a voz o mais calma possível.

— Quer que eu ligue para alguém?

O homem continuava olhando para a mão. Nora começou a procurar seu celular na bolsa com a intenção de ligar para o 190 – o que seria útil tanto se ele precisasse de ajuda médica quanto se fosse um criminoso –, até que ele repetiu, em uma voz quase inaudível:

— Meu melhor amigo morava nesta casa.

Nora franziu a testa.

— Seu melhor amigo?

— Gabe.

— Gabe?

— M-Márquez.

Gabe Márquez. O proprietário da casa em que ela morava. Talvez aquele homem com um corte na mão não fosse um perverso e não estivesse tentando dar em cima dela ou pegá-la à força, afinal. Então, em vez de ligar para o 190, Nora fez uma videochamada para seu senhorio. Por sorte, o celular dela era à prova d'água, e foi mais sorte ainda Gabe ter atendido ao primeiro toque. Nora lhe mostrou o homem que dizia ser seu amigo e explicou rapidamente o que havia acontecido.

— Ele levou um tombo e agora está olhando para o corte na mão e...

A voz de Gabe ficou mais aguda.

— Ele está sangrando?

Nora olhou para a mão do homem; a chuva se misturava ao sangue.

— Um pouquinho.

— Merda, Henning... O Aiden tem síncope vasovagal.

— Ele tem *o quê*?

— Ele não suporta ver sangue. É uma condição que ele tem. Cuidado, pode ser que ele apague.

Que ótimo.

— Chamo uma ambulância?

— Não — disse o esquisito, ou melhor, Aiden, em voz baixa e trêmula. — Não precisa.

Ele se levantou e Nora rapidamente segurou seu braço, para o caso de o homem desmaiar.

E se eu simplesmente chamar um táxi e despachar o cara?

— Faça ele se sentar e não o deixe olhar para o sangue — respondeu Gabe à pergunta, como se tivesse lido a mente dela. — Pode fazer isso?

Imagine se ela poderia abandonar o homem na rua naquela situação. E se uma coisa assim tivesse acontecido com sua mãe, com sua melhor amiga, Dipa, ou com qualquer outra pessoa que ela conhecesse? A gentileza vem em ciclos. O carma também.

— Sim — respondeu a Gabe. — Mas você o conhece mesmo, né? Jura que ele não é um maluco?

Gabe franziu a testa.

— Entendo sua preocupação, Henning, mas o Aiden...

— Se eu o levar para dentro, ele não vai me machucar nem...

— Machucar você? Meu Deus, não! Ele não é esse tipo de gente. E eu seria o primeiro a matá-lo se ele fizesse isso.

— Está bem. Vou cuidar dele e ligo se ele piorar.

Nora desligou, pegou o braço de Aiden com delicadeza e o puxou em direção à porta da casa.

— Vamos entrar. Me deixe cuidar disso.

Ele assentiu como se estivesse em transe e a seguiu, segurando a mão machucada.

Ela fechou a porta. Sem o barulho da chuva batendo nas calçadas, carros e telhados, Nora ouviu o verdadeiro som da voz dele, grave e profunda.

— Sinto muito pelo incômodo.

— Não se preocupe — disse ela.

Nora pendurou a mochila dele no cabideiro da entrada e largou o próprio casaco encharcado no chão. Ajudou-o a tirar a jaqueta, que caiu ao lado do casaco dela, formando um montinho, e ela não pôde deixar de notar que a camiseta molhada estava colada ao corpo dele. Ela engoliu em seco com dificuldade enquanto seu inesperado convidado permanecia parado à sua frente, pálido como um lençol, claramente em choque, e sentiu uma pontada de culpa pelos pensamentos que lhe passaram pela cabeça.

É bem gato mesmo.

— Desculpe a bagunça — disse ela, recolhendo a correspondência e revistas espalhadas pela mesa perto da entrada, tentando empilhá-las.

Como não estava esperando ninguém, Nora não havia arrumado a casa e agora estava envergonhada.

Aiden parecia não ouvir uma palavra do que ela dizia, muito menos notar a bagunça. Olhava para a palma da mão como se visse através dela, aparentemente à beira de um desmaio.

Nora o conduziu à cozinha e o fez se sentar antes de ir pegar seu kit de primeiros socorros no armário. Ela não tinha ideia do que estava fazendo, mas fingia saber enquanto colocava as coisas em cima da mesa e calçava as luvas cirúrgicas para limpar o ferimento. Os olhos dele permaneciam presos à geladeira, e os lábios, apertados.

— Eu... eu não suporto ver sangue.

Ela tentou não sorrir diante da obviedade da declaração dele.

— Eu não ligo.

— Não tem nada de mais, né? — disse Aiden, virando a cabeça para fitá-la.

— Nada mesmo. — Dessa vez ela não conseguiu conter o riso.

— Para as mulheres, pelo menos, nada mesmo.

Ele franziu a testa.

— Para as mulheres?

— Preciso explicar? Sabe, todo mês, o útero...

Ele deu uma risada nervosa.

— Nossa, como sou idiota.

Aiden sorriu; seus olhos brilharam, divertidos, e sua mão relaxou na dela.

Nora estava achando aquele homem estranhamente familiar. Eles já se conheciam? Não, com certeza não. Ela se lembraria.

AIDEN

A casa despertou nele muitas lembranças de sua pré-adolescência em Nashville. Nunca havia imaginado que estaria ali de novo — especialmente sem Gabe, que se mudara para Memphis havia muito tempo. Era a mesma casa, mas estava muito diferente. Parecia bem menor do que ele recordava.

Aiden amava aquela casa quando era criança. Era completamente diferente da sua. A planta era a mesma, mas todo o resto... um universo totalmente novo. A mãe de Aiden era obcecada por limpeza. Que Deus não permitisse que houvesse um grão de poeira na lareira ou uma bugiganga fora do lugar. A casa dos Márquez era mais aconchegante, parecia mais habitada, apesar de ser meio bagunçada — ou quem sabe por isso mesmo. Aiden adorava esse lugar porque era acolhedor, tanto naquela época como agora.

— É Aiden, né? — A voz de sua anfitriã o arrancou da estrada da memória.

Há quanto tempo alguém não perguntava o nome dele?

— Sim. E você?

Lá fora, enquanto anoitecia — e dadas as circunstâncias do encontro —, ele não prestara muita atenção aos olhos dela. Mas, sob a luz certa, notou a tonalidade incomum. Eram verdes? Castanhos? Âmbar? Era uma cor misteriosa. Sedutora.

— Está tudo bem? — perguntou ela, preocupada.

Aiden assentiu; só então percebeu que a estava encarando. Ela já havia dito seu nome? *Merda*. Ele precisava prestar mais atenção nas coisas.

— Estou bem, sim. Muito obrigado. É um prazer conhecê-la.

A anfitriã se esforçou para não rir.

— Você é sempre formal assim?

— Só quando não conheço a pessoa.

Levar tombos na calçada era normal, mas conversar com ela era um desafio para sua falta de habilidade social.

Estranhamente, ele estava calmo. Em geral, quando se recuperava depois de ver o próprio sangue, ele entrava em estado de relaxamento — tinha algo a ver com a noradrenalina, como seu médico havia explicado. Talvez por isso ele estava relaxado perto dela. Parecia ser uma boa pessoa; ela o havia tratado como Aiden, o homem, não como Aiden Elliott, o ator. Pelo menos havia sido desse jeito que sua mente, ainda confusa, interpretara a cena.

Ela não o havia reconhecido? Aiden ficou meio aliviado — e intrigado. Claro que nem todo mundo conhecia todas as celebridades, e, embora sua carreira houvesse decolado, ele não era tão famoso quanto os astros de primeira grandeza. Mesmo assim, fazia muito tempo que não encontrava alguém que não o conhecesse. Muito, *muito* tempo. Mas, se ela não o havia reconhecido, provavelmente não sabia nada sobre *Consequat* e não tocaria no assunto.

Então, ele se lembrou do que ela havia dito antes.

— Falando nisso, eu poderia falar com o seu pai faixa preta de jiu-jítsu? Gostaria de agradecer a ele pela hospitalidade — disse Aiden, com a expressão mais séria que conseguiu manter.

Ela jogou a cabeça para trás e ficou olhando para o teto por um instante.

— Eu menti, tá bom? Achei que você fosse um maluco que estava, tipo... tentando dar em cima de mim.

Ela tinha achado que ele estava flertando com ela? O simples fato de pensar nisso fez o sangue dele subir para o rosto.

Aiden passou a mão pela nuca.

— Desculpe, de verdade. Definitivamente, eu não estava paquerando você. De jeito nenhum.

Ao vê-la inclinar a cabeça, Aiden tentou consertar.

— N-não que você não seja paquerável. Claro que é, muito... Mas eu nunca daria em cima de uma mulher pedindo informações... possivelmente. Mas qualquer um ia querer estar em cima de... digo, *dar* em cima de *você*. Ai, meu Deus!

Isso porque ele achava que estava relaxado... Parecia um adolescente tentando formar frases coerentes na frente de uma mulher bonita.

Nora sacudiu a cabeça; seus lábios demonstravam diversão enquanto ela recolhia as coisas que usara para fazer o curativo.

Olhando para a gaze limpa que cobria seu corte — sem sangue à vista —, Aiden soltou um suspiro fundo de alívio. Ela riu. Ele achou muito fofo o jeito como ela abria os lábios, o som sedutor, quase espontaneamente sensual. Ele mal conseguia respirar.

— Então você não estava me paquerando, embora eu seja paquerável — disse ela.

Aiden assentiu efusivamente.

— Ah, sim, com certeza.

Merda. A boca continuava a responder antes que ele pudesse pensar. Mas Aiden não se arrependeu da resposta; era verdade. Se tivessem se conhecido em outra situação, ele teria se esforçado ao máximo para reunir coragem para flertar com ela. Com certeza seria revigorante se envolver com alguém “normal” — na falta de uma palavra melhor.

Aiden não se lembrava da última vez que olhara nos olhos de uma estranha por tanto tempo. Mas Nora deixou cair o rolo de esparadrapo no chão, quebrando o clima. Ela se agachou para pegá-lo.

Aiden se levantou e estendeu a mão, que ela aceitou sem hesitar. A pele dela tinha uma maciez agradável e estava meio fria. Ele se pegou desejando segurar a mão dela por mais tempo, para aquecê-la.

— Não tenho palavras para agradecer sua gentileza.

Ela ficou meio tensa depois que ele a soltou.

— Perdi a conta de quantas vezes escorreguei naquele mesmo lugar quando era criança. E parecia que só acontecia comigo.

Ele flexionou a mão, hesitante, estremecendo ao sentir a dor incômoda. Pelo menos era a mão esquerda. E, com um pouco de sorte, não ficaria cicatriz.

Os olhos dela brilhavam, divertidos.

— Talvez esta casa guarde rancor de você.

Aiden ponderou.

— Talvez. Quem sabe? Eu aprontei bastante aqui. Mas o Gabe não ficava atrás, e nunca aconteceu nada com ele.

— Nem comigo — disse ela, erguendo a sobrancelha.

— Então você também bagunçou nesta casa? Bom saber.

Um sorriso brotou nos lábios dela, e Aiden não pôde deixar de imitá-lo. Talvez ela se sentisse tão à vontade perto dele quanto ele perto dela. Mesmo assim, Aiden não prolongaria sua estadia mais que o necessário. Precisava chegar ao hotel do aeroporto que Becky havia reservado para aquela noite; não podia perder o voo para Los Angeles na manhã seguinte.

— Agradeço muito sua gentileza e hospitalidade, mas já estou estendendo demais a minha visita. Acho que vi um táxi na rua — disse, dando a primeira desculpa esfarrapada que conseguiu inventar. — Vou indo, então. Fique bem.

Ele se levantou para pegar a mochila e o casaco encharcado, mas ela chegou à porta antes. Estava tão ansiosa assim para se livrar dele?

— Deixa que eu abro a porta, para você voltar.

— Como é que é?

— Ah, é uma superstição que nós temos. Nós, os brasileiros. O anfitrião sempre tem que abrir a porta para garantir que o convidado volte.

Então, ela abriu a porta que os separava da tempestade furiosa.

— Nossa, que tempo horrível!

— A primeira coisa que um ator aprende é: faça chuva ou faça sol, com neve ou tempestade, o show tem que continuar! Ou mais ou menos isso.

Ela riu.

— Você é ator? É isso que vocês estudam?

Aiden precisava mesmo se esforçar para pensar antes de falar.

— É uma... — Sua voz falhou, ele pigarreou. — É uma frase de *Cantando na chuva*.

Diante da expressão confusa dela, ele prosseguiu:

— O filme *Cantando na chuva*.

Nora deu de ombros.

— Nunca vi. Os únicos clássicos que valem a pena assistir são os da saga *Star Wars*.

Star Wars? Sério?

Mas dessa vez ele manteve a boca fechada, embora pudesse ter feito um discurso em resposta a uma declaração tão atroz.

— Certo. Obrigado por tudo...

Aiden se calou ao perceber que ainda não sabia o nome dela. No fundo de sua mente, havia uma vaga lembrança de Gabe chamando-a de “Hen ink” ou algo assim. Mas não estava disposto a passar ainda mais vergonha, de modo que foi saindo. Mas parou.

— Me avise se precisar de alguma coisa. Por causa da tempestade, sabe...

Se precisar de alguma coisa? *Putá merda, Aiden, não tinha um jeito pior de pedir o telefone dela?* Definitivamente ele precisava de umas aulas de como chegar em uma desconhecida.

— Claro, eu te mando um sinal de fumaça.

Ele sabia reconhecer uma rejeição.

Quando já ia pedir desculpas, ela lhe entregou o celular.

— Aqui, salva seu número — disse ela.

Surpreso e contente, ele ficou pensando se deveria usar seu nome completo, mas acabou salvando o contato como “Aiden na Tempestade”. Talvez ela entendesse a referência à música do The Doors.* Devolveu o celular e aproveitou o momento para lhe dar um beijo no rosto. Num impulso de ousadia, permitiu que seus

* A música é “Riders on the Storm”, lançada pela banda The Doors em 1971. (N.E.)

lábios permanecessem em contato com a pele macia dela por uma fração de segundo a mais que o normal.

— Obrigado — repetiu, e olhou fixamente para os belos olhos dela pela última vez antes de sair. — Adeus, nobre dama.

Será que veria essa mulher de novo?

— Ei, não estou vendo nenhum táxi por aqui — gritou ela mais alto que a chuva. — É melhor a gente chamar um.

Antes mesmo de descer um degrau, ele já estava encharcado. De repente, as sirenes de alerta de tempestade dispararam na escuridão, abafando as últimas palavras dela e avisando aos moradores que se protegessem.

Merda, pensou Aiden, olhando para a porta. Ela ainda estava lá, com o mesmo espanto que ele no rosto.

Ela sorriu.

— Viu? A superstição brasileira funciona. Você voltou!

O rosto dela se iluminou e ele ficou parado na chuva feito um idiota, olhando para ela enquanto ela, da porta, olhava para ele. Ela fez um grande floreio indicando a entrada:

— Volte para dentro, senhor.

